NADA NOS SEPARARÁ

"Quem poderá separar-nos do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo ou a espada? (…) Mas em tudo isto, somos nós mais que vencedores por Aquele que nos amou. Porque estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, Nosso Senhor." (Rm 8, 35-39)

Quem ou o quê poderá separar-nos do amor de Cristo?

Já todos, em algum momento da vida, duvidámos do amor de Deus por nós. Como crianças amuadas, já todos pensámos em "fugir de casa" e, se o não fizemos, nem sempre terá sido por acreditarmos no amor que Deus nos tem, mas porque tivemos medo do escuro, do frio e da fome que, lá fora, experimentaríamos.

No entanto, acreditemos ou não, o amor de Deus por nós é o que de mais firme existe no Universo inteiro, a única rocha sobre a qual vale a pena edificar, o único monte de onde é seguro contemplar a nossa vida. Acima de tudo e antes de tudo, somos amados.

"Eu amo-te. Que te importa o resto?" Assim dizia uma pagela do Menino Jesus que marcava a Bíblia na minha casa de infância. Nunca esqueci os traços do Bebé divino, nem o seu sorriso maroto, talvez porque os bebés têm a capacidade de nos desarmar por completo e de nos surpreender com gestos inusitados. Mas ainda mais desconcertante é a afirmação que sublinhava uma imagem da crucifixão, numa outra pagela antiga: *"Por ti, se preciso fosse, sofreria tudo isto outra vez."* A sério, Senhor?

S. Paulo e toda a Escritura asseguram-nos de que nada nos pode separar do amor de Deus. Não há nada, não há nenhum pecado que tenha o poder de fazer com que Deus deixe de nos amar. Queremos contemplar de perto, em cada dia, tal abismo de amor? Abeiremo-nos da Eucaristia. Estendamos as mãos como pedintes e acolhamos este Pão abençoado, partido, dado até ao fim. Façamos das mãos um berço, do coração um lar para Ele. Deixemo-nos habitar pelo Amor. Pouco a pouco, seremos um só. Nada nos pode separar.

Um amor a três

"Prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida," dissemos no dia do nosso matrimónio. E o sacerdote acrescentou, citando o Evangelho: *"Não separe o homem o que Deus uniu".* A partir de então, tornámo-nos um só. Soa a promessa bíblica, um texto tão arriscado! As promessas matrimoniais parecem descrever o amor eucarístico de Deus por nós. Pois quem mais é sempre fiel? Quem mais nos aceita tal qual somos, todos os dias da nossa vida? Quem mais ama sempre, até ao fim, até à morte? Quem mais tem o poder de fundir dois corações num só coração?

É precisamente porque esta promessa é divina, e só Deus a pode honestamente fazer, que o matrimónio é um sacramento, e não um simples contrato civil. Pelo sacramento, as promessas que fazemos um ao outro são feitas por Cristo, com Cristo e em Cristo. E é por isso mesmo que também não podemos nunca desistir do nosso matrimónio, pois como dizia S. Paulo, ***"ainda que sejamos infiéis, Deus permanece fiel" (2Tm 2, 13),*** casado connosco e no meio de nós, sem que tenhamos forma de O separar de nós.

O sacramento do matrimónio não se recebe de uma só vez. Como toda a graça divina, como o Pão da Eucaristia, recebe-se dia a dia, instante a instante. É, pois, poderosa a oração que fazemos invocando o sacramento, nos momentos de angústia: *"Senhor, sozinho não consigo mais. Mas dá-me hoje de novo a graça do sacramento do matrimónio!"* Rezemos com as palavras de S. Paulo, modificando-as a fim de refletirem a nossa própria história: *"Quem poderá separar-nos do amor de Cristo, concretizado no amor que temos um pelo outro? A tribulação, a angústia, a doença, o stress, o cansaço, a pandemia, os problemas económicos, as divergências de fé, a família alargada, o trabalho, os amigos, as atrações mundanas, o vício, as decisões erradas, os filhos ou a falta deles…? Mas em tudo isto, somos nós mais do que vencedores por Aquele que nos amou e que Se entregou a nós pelo sacramento do matrimónio!"*

Um amor familiar

"Nada me separará de ti", repito baixinho ao meu bebé, quando o deixo na creche em cada manhã, separando-me dele fisicamente por algumas horas. Ele já o sabe, e por isso fica feliz, acenando-me e rindo. É mais instintiva, a promessa de fidelidade absoluta que fazemos aos nossos filhos. Não precisa de fórmulas nem de mandamentos divinos, tão inscrita está na nossa natureza. Quantos filhos, contudo, crescem com a sensação de que o amor dos seus pais tem condições ou exige retorno, seja no desempenho escolar, seja nas escolhas de vida! Não permitamos que os nossos alguma vez duvidem do amor eterno e absoluto que lhes dedicamos e que nada poderá destruir. Provemo-lo já hoje, no modo como falamos, como sorrimos, como ralhamos, como educamos, como lhes oferecemos o melhor do nosso tempo e da nossa vida.

Compromisso

Neste mês de todos os santos, em que a Igreja coloca a eternidade diante dos nossos olhos, de forma especial, para que não esqueçamos que o que realmente importa é chegar a Casa, centremo-nos neste versículo: ***"Nada nos separará do amor de Cristo."*** Comecemos por fazer da Eucaristia o centro absoluto da nossa família: nada poderá interpor-se entre nós e a missa! Procuremos depois contemplar este amor divino encarnado no nosso cônjuge e nos nossos filhos. Jesus senta-se connosco à mesa e reúne-se connosco todos os serões, em alegre oração familiar… Que tal renovarmos, num destes dias, as nossas promessas matrimoniais, olhos nos olhos como no primeiro dia? Nada, absolutamente nada nos separará!

© Teresa Power, 7-11-20